

## **A competitividade agrícola argentina e brasileira no comércio internacional: uma análise entre 2008-2010 e 2018-2020**

### **Autoria**

GABRIELA DAIANA CHRIST - gabrielachrist@gmail.com

Desenvolvimento Regional e Agronegócio / UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Eliana Cunico - elianacunico@gmail.com

### **Resumo**

O agronegócio tem um papel estratégico tanto para Argentina como para o Brasil, contribui, dentre outros fatores, para o desenvolvimento das regiões onde se destaca economicamente. O objetivo deste trabalho é analisar a inserção do agronegócio destes países no comércio internacional para verificar o posicionamento geral do país e de seus produtos exportados, abrangendo os triênios 2008-2010 e 2018-2020. O desempenho é avaliado a partir da participação do país e de seus produtos nas importações mundiais, considerando a metodologia proposta por Fajnzylber (1991), que classifica os produtos conforme o posicionamento (favorável ou desfavorável) e a eficiência ao longo do período (alta ou baixa), e, com isso, tem-se a inserção. Os resultados demonstram que o agronegócio brasileiro é mais competitivo que o argentino, sendo que parte significativa (52,71%) dos produtos da pauta exportadora brasileira foi classificada em situação ótima. No caso da Argentina, 63,38% de sua pauta exportadora foi classificada no grupo não competitivo, isto é, itens em situação de retrocesso e oportunidade perdida.

## A competitividade agrícola argentina e brasileira no comércio internacional: uma análise entre 2008-2010 e 2018-2020

**RESUMO:** O agronegócio tem um papel estratégico tanto para Argentina como para o Brasil, contribui, dentre outros fatores, para o desenvolvimento das regiões onde se destaca economicamente. O objetivo deste trabalho é analisar a inserção do agronegócio destes países no comércio internacional para verificar o posicionamento geral do país e de seus produtos exportados, abrangendo os triênios 2008-2010 e 2018-2020. O desempenho é avaliado a partir da participação do país e de seus produtos nas importações mundiais, considerando a metodologia proposta por Fajnzylber (1991), que classifica os produtos conforme o posicionamento (favorável ou desfavorável) e a eficiência ao longo do período (alta ou baixa), e, com isso, tem-se a inserção. Os resultados demonstram que o agronegócio brasileiro é mais competitivo que o argentino, sendo que parte significativa (52,71%) dos produtos da pauta exportadora brasileira foi classificada em situação ótima. No caso da Argentina, 63,38% de sua pauta exportadora foi classificada no grupo não competitivo, isto é, itens em situação de retrocesso e oportunidade perdida.

**Palavras-chave:** Agronegócio, competitividade, exportação, gestão da cadeia de suprimentos, comércio internacional.

### 1 INTRODUÇÃO

O comércio internacional se apresenta como uma alternativa para o desenvolvimento das economias, visto que entre outros fatores, representa uma parcela importante na conta do Produto Interno Bruto (PIB), especialmente no que toca ao saldo da balança comercial (exportações - importações) (OLIVEIRA et al., 2021; BRAUN; FERRERA DE LIMA; CARDOSO, 2007). Cumpre dizer que vários são os fatores que influenciam nesta conta, quais sejam: taxa de câmbio, especializações regionais, barreiras sanitárias, competitividade, concorrência, geopolítica, entre outros.

Vale mencionar que quem aprofundou o debate sobre o comércio internacional foi Adam Smith com sua obra “A riqueza das nações” publicada pela primeira vez em 1776. Para o filósofo e economista britânico (SMITH, 1996) as nações deveriam se concentrar na produção de bens em que há necessidade de menor quantidade relativa de insumos para geração de produção. O superávit deveria então ser exportado e, com as divisas geradas, outros produtos seriam adquiridos em países que possuíssem vantagens em sua produção, resultando em um maior bem-estar da sociedade (CASTRO et al., 2016; GALA; RONCAGLIA, 2020).

É sabido também que os grandes avanços – nas áreas de gestão, inovações tecnológicas, transporte, comunicação, padrões de consumo e até mesmo com a criação de instituições multilaterais – resultaram em alterações nas rotas do comércio agrícola face o processo de globalização (BRAUN; FERRERA DE LIMA; CARDOSO, 2007). Especialmente com o setor agrícola, a maior integração dos mercados e a liberalização do comércio modificaram quantitativa e qualitativamente a demanda por produtos agroalimentares de países em desenvolvimento (FLEXOR, 2006). A institucionalização da Organização Mundial do Comércio (OMC) representou um incentivo à construção de mercado globais (FLEXOR, 2006). Entender como os produtos exportados pelos países se comportaram considerando tais mudanças torna-se pertinente tanto aos formuladores de políticas (*policy makers*), quanto para empresas inseridas nestas cadeias globais, e demais interessados.

Historicamente, as economias latino-americanas têm sido caracterizadas por estruturas produtivas heterogêneas, pouca diversificação produtiva, dependência de capital estrangeiro (principalmente vindo de países asiáticos) e com suas bases de exportação concentrados em

produtos primários e básicos (FERNÁNDEZ; CURADO, 2019a; MIRANDA; JANK; SOENDERGAARD, 2020).

Além do mais, a pandemia da Covid-19 mostrou como as cadeias globais de valor são vulneráveis (KERR-OLIVEIRA et al., 2021). Tem se percebido a importância da resiliência, isto é, a capacidade de se adaptar a mudanças quer sejam endógenas ou exógenas. Para estarem prontas no cenário econômico pós-pandemia, bem como para eventuais crises, firmas e governos (este em maior medida) tiveram que mudar seu foco e reinventar suas estratégias, com maior ênfase na empatia e sustentabilidade (APEX-BRASIL, 2021). Essa necessidade de reavaliar o desempenho de maneira atualizada e concisa, é considerada como lacuna teórica a ser suprida.

Destarte, este artigo tem como objetivo analisar a inserção do agronegócio argentino e brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas, considerando seu posicionamento agregado e investigando sua pauta de exportação sendo que o período de análise compreenderá os triênios 2008-2010 e 2018-2020. A metodologia de análise proposta neste estudo combina os elementos conceituais da matriz de competitividade dos economistas Fernando Fajnzylber que em 1991 publicou: “*International insertion and institutional renewal*”, bem como Ousmène Mandeng que aperfeiçoou o trabalho de Fajnzylber no mesmo ano com a publicação de “*Competitividad internacional y especialización*”, ambos na Revista da Cepal. A fonte de informação é a “*Food and Agriculture Organization of the United Nations*” (FAO), base que agrupa informação de 432 itens (produtos agrícolas) dos 193 Estados-membros das Nações Unidas.

O tema tem relevância à medida que é possível compreender a pauta de exportação dos países a partir da classificação do desempenho do produto no período analisado, sendo 2020 o último ano de atualização de dados disponível pela base (FAOSTAT). Com isso procura-se entender como se comportou o desempenho dos produtos argentinos e brasileiros no mercado internacional entre 2008-2010 e 2018-2020.

Após esta introdução, o capítulo 2 apresentará a revisão de literatura com uma contextualização sobre o agronegócio e o mercado internacional. Na sequência, o capítulo 3 abordará os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. O capítulo 4 apresenta os resultados do estudo. E, por fim, no capítulo 5 apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

## 2 O AGRONEGÓCIO E O MERCADO INTERNACIONAL

Ainda que exista diversos caminhos para o desenvolvimento (FURTADO, 1974; THEIS et al., 2021), é sabido que vários são os benefícios do crescimento econômico impulsionado pelos esforços exportadores não só para o país, mas também para as instituições, para as empresas e para as pessoas que estão relacionadas a estas atividades (APEX-BRASIL, 2021). As exportações têm impacto direto no balanço de pagamentos – especialmente de países periféricos e localizados na América Latina (notadamente Argentina e Brasil estão inseridas neste grupo) –, e são essenciais para a promoção da indústria e para o desenvolvimento do país (FAJNZYLBER, 1988; GALA; RONCAGLIA, 2020; SILVA, 2014).

De modo geral, a inserção virtuosa no mercado internacional está relacionada a condições endógenas (e, portanto, internas) a um ambiente capaz de incentivar a competitividade sistêmica da economia nacional (SILVA, 2014). E ainda:

[...] no mercado internacional competem não apenas empresas. Se confrontam também sistemas produtivos, esquemas institucionais e organismos sociais, entre os quais a empresa constitui um elemento importante, mas integrado por uma rede de conexões ao sistema educacional, à infraestrutura tecnológica, às relações gerencial-

laborais, ao aparato institucional público e privado, ao sistema financeiro, etc. [tradução das autoras]<sup>1</sup> (FAJNZYLBBER, 1988, p. 22-23)

E quanto a dita inserção internacional, os países Argentina e Brasil serão considerados para efeitos de comparação neste estudo tendo em vista suas aptidões agrícolas, ou seja, países provedores de alimentos para o mundo e respectiva importância no contexto regional onde estão inseridos, isto é, América do Sul (FERNÁNDEZ; CURADO, 2019b).

No caso da Argentina, no período 1985-1990, as exportações de produtos agrícolas foram quase exclusivas, bem como acompanhadas pela exportação de energia (produtos petrolíferos, refinados) (FERNÁNDEZ; CURADO, 2019a). Em 2019 a Argentina exportou US\$ 64 bilhões (e está na posição de 46 no mundo), sendo que os produtos mais representativos de sua pauta exportadora foram: farelo de soja (US\$ 8,81 bilhões), milho (US\$ 6,19 bilhões), caminhões de entrega (US\$ 3,83 bilhões), soja (US\$ 3,47 bilhões) e óleo de soja (US\$ 3,38 bilhões) (OEC, 2022).

No caso brasileiro, o país nunca se sustentou apartado do mundo e sua história é fortemente influenciada pela atividade agrícola, notadamente a produção e exportação do açúcar no período colonial (a partir de 1590), as explorações siderúrgicas (em fins do século XVI), e o café com seu desenvolvimento a partir do segundo império (1850) (LIMA, 1970). Essa concentração do país em exportação de açúcar e café se deu até a década de 1980, mas a partir daí, gradualmente se tornou um dos maiores fornecedores mundiais de soja e derivados, proteína animal, polpa de madeira, açúcar, etanol e suco de laranja (CHRIST et al., 2021; MIRANDA; JANK; SOENDERGAARD, 2020). Em 2019, o Brasil exportou um total de US\$ 230 bilhões, tornando-se o exportador número 25 do mundo. As exportações mais representativas da pauta exportadora brasileira em 2019 foram: soja (US\$ 26,1 bilhões), petróleo bruto (US\$ 24,3 bilhões), minério de ferro (US\$ 23 bilhões), milho (US\$ 7,39 bilhões) e celulose química de sulfato (US\$ 7,35 bilhões) (OEC, 2022).

Nesse sentido, o agronegócio tem sido um vetor importante para o crescimento econômico brasileiro, dado que representou 27,4% do PIB total do país em 2021, o melhor resultado desde 2004 (quando foi de 27,53%) (CEPEA/ESALQ, 2022). A necessidade de maior eficiência em ganhos de produção, levou a organização a um maior nível de especialização, e assim permitiu que os excedentes gerassem oferta para atender ao mercado consumidor que crescia nas áreas urbanas. Essa nova forma de estruturação econômica exigiu novos recursos específicos como estradas, serviços logísticos, capacidade de armazenamento, tecnologias de controle e técnicas de aumento da produtividade (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

Assim, essa transformação deu origem ao conceito de “Agronegócio”, originalmente denominado como “*Agribusiness*” que de acordo com Zylbersztajn (2000), compreende um conjunto de instituições que produz, governa, negocia e organiza o comércio dos produtos e insumos necessários à produção. Todo esse fluxo de bens, serviços e informações que constitui o Agronegócio é organizado em partes de um todo, denominadas como Cadeias Produtivas (BATALHA, 2005).

Devido a sua tamanha eficiência, o agronegócio brasileiro tem sido objeto de estudo sob distintas perspectivas no ambiente teórico e empírico (PAIVA; BARBOSA; GONÇALVES, 2008; ZYLBERSZTAJN; NEVES, 2010; COSTA et al., 2012; GOMES; KLIEMANN NETO, 2015). Neste estudo, o olhar mais focado recai sobre um comparativo quanto à competitividade dos resultados Argentina x Brasil. Teoricamente o modelo da matriz de competitividade permite identificar cenários de retrocesso, vulnerabilidade, oportunidades

---

<sup>1</sup> Texto original: “en el mercado internacional compiten no sólo empresas. Se confrontan también sistemas productivos, esquemas institucionales y organismos sociales, en los que la empresa constituye un elemento importante, pero integrado en una red de vinculaciones con el sistema educativo, la infraestructura tecnológica, las relaciones gerencial-laborales, el aparato institucional público y privado, el sistema financiero, etcétera.” (FAJNZYLBBER, 1988, p. 22-23)

perdas e situação ótima. Empiricamente, essa análise se estende para compreender aspectos complementares que influenciam no desempenho final. As análises de volumetria de produção são relevantes, dado que *commodities* agrícolas geram valor por meio da economia de escala (MAERTENS; SWINNEN, 2015).

Dada a presença de falhas, riscos e incertezas, as informações tornam-se imperfeitas e, diante da falta de racionalidade, levam agentes a cometerem erros na alocação de recursos (CARVALHO, 2001). No cenário agrícola Sonka e Patrick (1984) identificaram cinco fontes principais de risco: (i) risco técnico de produção (associado a doenças, pragas e clima); (ii) risco de preço; (iii) risco tecnológico inerente aos investimentos específicos; (iv) risco legal (mudanças nas regras estabelecidas por governos); (v) fontes humanas de risco (greves de trabalhadores). Esse conjunto de dificuldades, desafiam gestores em suas decisões voltadas à competitividade no cenário agrícola nacional e internacional.

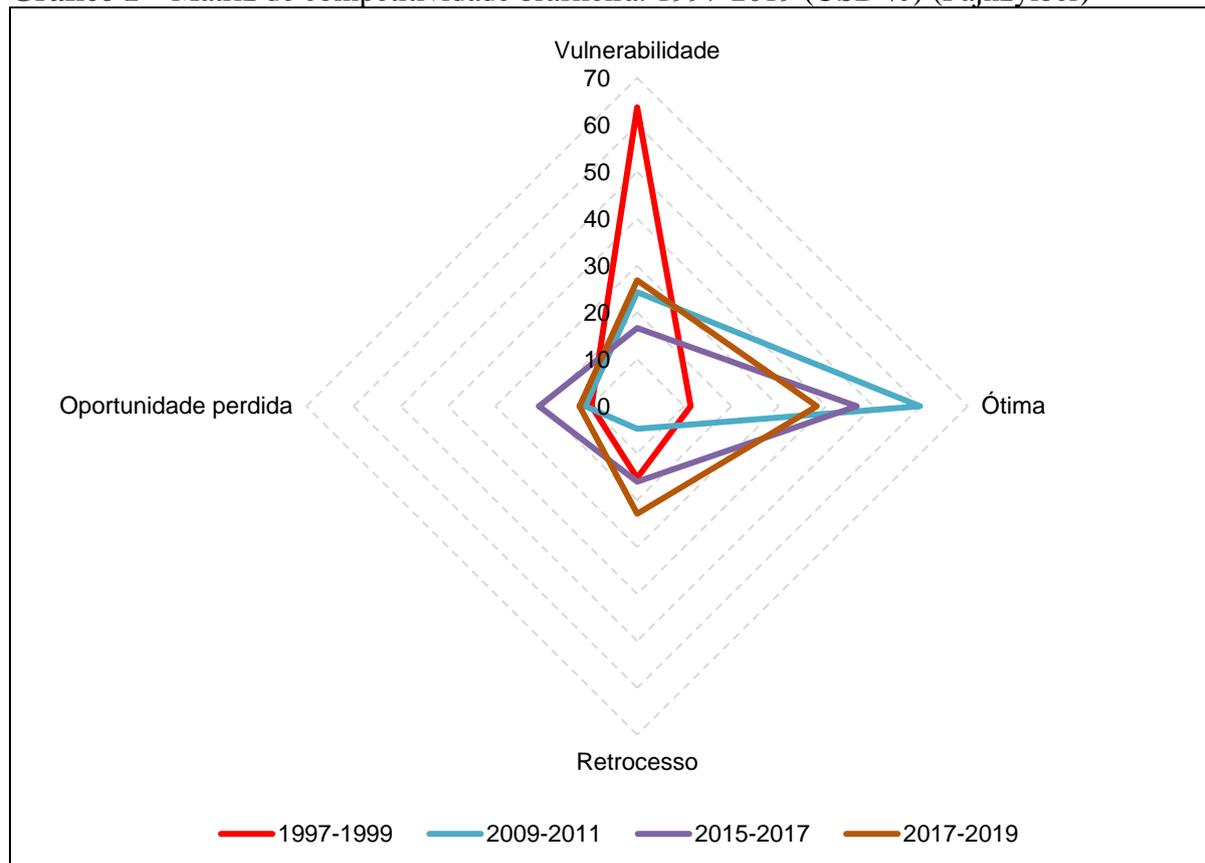
Além do risco, o câmbio é outro fator que afeta diretamente o desempenho das exportações. Em um estudo que avaliou no desempenho da exportação de suco de laranja entre os anos de 1997 e 2015, foi observado que o câmbio foi decisivo no resultado, em especial no ano de 2002, quando a taxa de câmbio real era de R\$ 6,70 por dólar norte americano (BROCANELLI; FERRAZ; FIGUEIREDO, 2017). O aumento do preço das *commodities* no mercado internacional nos anos 2000, frente aos anos 1980 e 1990, foi um dos fatores que confirmou o aumento de competitividade do Brasil no cenário de exportação agrícola (CARVALHO; MENDONÇA, 2020).

No atual cenário competitivo, a posse da informação ágil, decorrente do gerenciamento de dados tem sido fator diferenciador. Frente ao objetivo de alcançar vantagens competitivas na *Supply Chain Management* (SCM), necessita-se da integração de todas as atividades que se relacionam para o fluxo e a transformação de produtos, incluindo o fluxo de informações (ALFALLA-LUQUE; MEDINA LOPEZ, 2009). Trienekens et al. (2012) ressaltam que, além de melhorar continuamente os padrões de qualidade e segurança alimentar, outro desafio competitivo está na definição de estratégias que permitam a redução do custo da produção. García, Moreno e Barrera (2017) consideram que empresas que alocam esforços ao mercado exportador, necessitam de recursos internos fortes, vinculados a experiência e estrutura. Dessa forma, conhecer o desempenho dos produtos agrícolas frente ao mercado internacional, possibilita a formulação de estratégias competitivas para o agronegócio brasileiro.

As estratégias de internacionalização permitem que as empresas aprendam com o mercado externo, oportunizando inclusive o lançamento de novos produtos ou processos (TORRECILLAS; FERNÁNDEZ, 2022). Diante de distintas possibilidades de aprendizado, o *benchmarking* permite adaptar técnicas utilizadas por outras empresas/países, a fim de promover ganhos de eficiência no desempenho atual. Ao utilizar a metodologia proposta pelo economista chileno Fernando Fajnzylber<sup>2</sup>, vários autores compararam o posicionamento dos produtos agrícolas no comércio internacional (CHRIST; GALAFASSI; BERNAL, 2021; CHRIST et al., 2021; FERNÁNDEZ; CURADO, 2019a; SANTOS et al., 2016; SILVA, 2014; CARVALHO, 2002). Não apenas de produtos agrícolas, mas também a proeza sul coreana, quanto ao seu desempenho econômico tem fatores endógenos e exógenos, pioneiramente apontados pelo modelo de Fajnzylber (SILVA, 2014). Ao observar o Gráfico 1 fica evidente a percepção do melhor desempenho da pauta brasileira obtido ao longo dos períodos analisados, em que os produtos em situação de vulnerabilidade, que antes representavam 63% (1997-1999) passaram ao patamar de apenas 26% (2017-2019).

---

<sup>2</sup> Disponível em (FAJNZYLBBER, 1991).

**Gráfico 1** – Matriz de competitividade brasileira: 1997-2019 (USD %) (Fajnzylber)

Fonte: adaptado de Carvalho (2002), Santos et al. (2016), Christ et al. (2021) e Christ, Galafassi e Bernal (2021).

Portanto, se faz necessário analisar resultados específicos por produtos (itens), para compreender o desempenho como um todo. A seguir, o delineamento metodológico apresenta os procedimentos adotados na condução da pesquisa.

### 3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este trabalho teórico-empírico analisa comparativamente a inserção do agronegócio argentino e brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas entre os triênios 2008-2010 e 2018-2020. É classificado por sua abordagem quantitativa e descritiva. Quanto aos procedimentos, classifica-se como uma pesquisa bibliográfica e documental (CRESWELL, 2007). Foi considerado como medida de análise o valor (US\$) da média das exportações da Argentina e do Brasil, bem como a média das importações mundiais (US\$) nos períodos analisados. O método de análise predominante empregado neste trabalho é abordagens baseada em modelos.

A pesquisa foi realizada em quatro etapas principais, a primeira de caráter teórico procurou contextualizar a teoria, identificar lacunas e, por fim, fundamentar a posterior análise dos resultados. A segunda etapa foi ocupada pela coleta dos dados secundários, as fontes secundárias são a base para o trabalho empírico e foram obtidos a partir da base *Food and Agriculture Organization* (FAOSTAT, 2022), considerando os 432 itens de produtos agrícolas, tendo como variável de análise o valor (US\$) exportado.

A terceira etapa da pesquisa foi destinada a organizar o banco de dados e aplicar o modelo proposto por Fajnzylber (1991) e formalizado por Mandeng (1991), para medir a competitividade de um país. O modelo utiliza exclusivamente as exportações do país (US\$) em

comparação com as importações mundiais (US\$) do mesmo produto e parte de uma *equação* (1) única, expressa a seguir:

$$S_j = \sum_{i=1}^n \frac{M_{ij} M_i}{M_i M} = \sum_{i=1}^n S_{ij} S_i' \quad (1)$$

Em que:

$S_j$  é a participação total de um país;

$S_i$  são as importações do mercado;

$S_{ij}$  é a participação das importações de determinado grupo setorial;

$i$  é um produto (ou um grupo setorial);

$j$  é um país; e

$M$  são as importações totais.

Neste estudo, foram utilizadas as mudanças do tempo de  $S_j$  considerando a média das exportações brasileiras e argentinas e a média das importações mundiais dos anos de 2008, 2009 e 2010 para o período inicial e, 2018, 2019 e, 2020, para o período final. Após a identificação do posicionamento e da eficiência, têm-se a classificação na Matriz de competitividade exposta na Figura 1.

**Figura 1** – Matriz de competitividade

		Posição relativa do produto	
		Desfavorável (↓)	Favorável (↑)
Eficiência relativa dos países	Baixa (↓)	Situação de Retrocesso	Situação de Oportunidade Perdida
	Alta (↑)	Situação de Vulnerabilidade	Situação Ótima

Fonte: Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991).

Cada quadrante da matriz (Figura 1), representa a combinação da posição relativa do produto (favorável ou desfavorável) e a eficiência relativa do país, ou seja, a atração do mercado (aumentou ou diminuiu), (MANDENG, 1991), para facilitar a interpretação, neste trabalho consideramos X as exportações e M as importações, sendo:

- Situação de vulnerabilidade: ( $\Delta s_i < 0$  e  $\Delta s_{ij} > 0$ ) quando o produto (X) perde posição no mercado (market-share), mas o consumo mundial (M) aumenta.
- Situação de retrocesso: ( $\Delta s_i < 0$  e  $\Delta s_{ij} < 0$ ) quando além do produto (X) perder posição no mercado (market-share), o consumo mundial (M) também diminui.
- Situação de oportunidade perdida: ( $\Delta s_i > 0$  e  $\Delta s_{ij} < 0$ ) quando a participação do país/produto (X) aumenta (market-share), mas o consumo mundial (M) diminui.
- Situação ótima: ( $\Delta s_i > 0$  e  $\Delta s_{ij} > 0$ ) quando além do país aumentar sua participação mundial (X) (market-share), o consumo mundial (M) do produto também aumenta.

Os produtos classificados nos quadrantes situação de vulnerabilidade e retrocesso são considerados grupos não dinâmicos, por outro lado, dinâmicos são os grupos em situação ótima e oportunidades perdidas. O grupo competitivo são aqueles em situação ótima e em situação

de vulnerabilidade, ou seja, dinâmicos e competitivos são os grupos nos quais o país ganha participação de mercado e cuja demanda cresce (FERNÁNDEZ; CURADO, 2019a).

Após a contextualização com a teoria (etapa 1), a coleta de dados (etapa 2) e a aplicação do modelo (etapa 3), a quarta e última etapa da pesquisa foi destinada para análise dos resultados que será apresentada na sequência.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes da análise específica do desempenho do agronegócio argentino e brasileiro no comércio internacional, serão apresentadas algumas tendências do comércio agrícola internacional, apoiada no ferramental metodológico sugerido por Fajnzylber (1991).

As importações mundiais totais têm apresentado aumento nas últimas décadas. Esse aumento reflete no crescimento das importações mundiais de produtos agrícolas especificamente. Mesmo com os desafios inerentes ao período (crise sanitária, crise financeira etc) entre os triênios 2008-2010 e 2018-2020 a taxa de crescimento anual de importações de itens agrícolas foi de 3,48%. Nesse mesmo período, a participação das importações agrícolas mundiais em relação ao total de importações mundiais aumentou de 7,23% para 7,95% (Tabela 1), o que tem permitido aumento do PIB (OLIVEIRA et al., 2021) no cenário brasileiro.

**Tabela 1** – Importações mundiais e exportações Argentinas e Brasileiras (USD), 1988-2020

		1988-1990	1998-2000	2008-2010	2018-2020	Taxa (%) <sup>1</sup>
Mundo	M Total (USD Mil)	9.693.377	17.814.634	44.493.555	56.926.209	2,49
	M Agrícola (USD Mil)	990.571	1.333.632	3.215.136	4.526.869	3,48
	M Agrícola / Total (%)	10,22%	7,49%	7,23%	7,95%	
Argentina	X Total (USD Mil)	31.067	76.107	193.824	181.620	-0,65
	X Agrícola (USD Mil)	17.699	34.092	94.981	100.303	0,55
	X Agrícola / Total (%)	56,97%	44,79%	49,00%	55,23%	
	<i>Market-share</i> da Agricultura	1,79%	2,56%	2,95%	2,22%	
Brasil	X Total (USD Mil)	99.586	154.216	552.852	675.151	2,02
	X Agrícola (USD Mil)	27.146	41.811	174.723	247.523	3,54
	X Agrícola / Total (%)	27,26%	27,11%	31,60%	36,66%	
	<i>Market-share</i> da Agricultura	2,74%	3,14%	5,43%	5,47%	

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

<sup>1</sup> Taxa anual de crescimento entre os triênios 2008-2010 e 2018-2020.

Em relação às exportações de produtos agrícolas, Argentina e Brasil apresentaram movimentos distintos no período analisado. Enquanto o desempenho brasileiro mostrou um crescimento acima da média mundial, isto é, as exportações de produtos agrícolas do país cresceram 3,54% no período, este crescimento foi de 0,55% na Argentina. É possível perceber também a relevância das exportações agrícolas para a pauta exportadora dos países, em 2018, 2019 e 2020, os produtos agrícolas da Argentina representaram 55,23% do total de sua pauta exportadora. No caso brasileiro, no mesmo período (2018-2020), as exportações agrícolas concentraram 36,66% do total exportado pelo país, além de ter sido a origem de 5,47% de todos os produtos agrícolas importados no mundo, este *Market-share* tem crescido ao longo dos períodos analisados, em 1988, 1989 e 1990, as exportações dos itens agrícolas brasileiros representaram 2,74% do total importado no mundo (Tabela 1).

A partir da taxa média anual de crescimento das importações totais, isto é, 2,49% entre os triênios 2008-2010 e 2018-2020, é possível verificar os itens que estão em expansão (taxa de crescimento maior ou igual a 2,49%), bem como os produtos classificados em declínio (taxa de crescimento menor a 2,49%). Entre 432 itens disponibilizados pela base FAOSTAT, 110 estão classificados em expansão, estes produtos representaram 9,60% do valor das importações agrícolas em 2018-2020 (i.e. US\$ 145 milhões, considerando o total de US\$ 1,5 bilhões). Outrossim, 323 dos itens da base foram classificados em declínio e representaram 90,40% do total dos itens agrícolas (i.e. US\$ 137 milhões, considerando o total de US\$ 1,5 bilhões). As Tabelas 2 e 3 exibem os resultados para os dez primeiros itens da classificação considerando o *Market-share* de 2018-20.

Dentre o grupo de produtos agrícolas em expansão (Tabela 2), destaca-se o café torrado. O crescimento desta commodity no comércio mundial é consequência de um processo de desenvolvimento e estruturação de um mercado que comporta as transações dos produtos do seu complexo industrial. O Brasil é o principal player na cadeia do café, se posicionando como maior produtor e exportador do mundo. A produção de café quase duplicou entre 2015 e 2018, período em que passou de 5,2 milhões de sacas para 9,4 milhões (EMBRAPA, 2020), o que tem transformado quantitativamente e qualitativamente os países em desenvolvimento, em função de mercados globais (FLEXOR, 2006) inclusive, melhorando padrões de bem-estar da sociedade (CASTRO et al., 2016; GALA; RONCAGLIA, 2020).

**Tabela 2 – Participação nas Importações Agrícolas Mundiais, Itens em Expansão<sup>1</sup>**

Item	Market-share (%)		Taxa (% a.a.)
	2008-10	2018-20	
1 Alimento para criança	0,42	0,81	6,89
2 Café torrado	0,48	0,75	4,57
3 Produtos de tabaco	0,30	0,63	7,75
4 Abacate	0,15	0,46	11,56
5 Óleo essencial	0,26	0,38	3,87
6 Bolachas	0,06	0,36	19,34
7 Amêndoas sem casca	0,21	0,35	5,36
8 Nozes preparadas (exceto amendoim)	0,19	0,31	4,91
9 Óleo fervido etc.	0,14	0,31	7,96
10 Castanha de caju descascada	0,18	0,30	4,96
100 Outros	2,64	4,96	6,50
$\Sigma$ 110 itens em expansão	5,03	9,60	6,68

Fonte: FAOSTAT database (2022).

<sup>1</sup> Produto em expansão apresenta taxa de crescimento maior que do que a encontrada no comércio mundial total (2,49% a.a.) no período 2008-10 e 2018-20

No grupo de produtos agrícolas em declínio (Tabela 3), cumpre dizer que o item com maior representatividade do grupo em relação ao *Market-share* (4,87%), ou seja, o item Preparação de alimentos tem apresentado taxa de crescimento anual positiva (2,22%). Isto quer dizer que a participação deste produto nas importações mundiais tem crescido, porém, com uma velocidade menor do que o crescimento do comércio mundial do total de produtos (2,49%).

**Tabela 3 – Participação nas Importações Agrícolas Mundiais, Itens em Declínio<sup>1</sup>**

Item	Market-share (%)		Taxa (% a.a.)
	2008-10	2018-20	
1 Preparação de alimentos	3,91	4,87	2,22
2 Soja	3,82	4,23	1,01
3 Trigo	3,82	3,02	-2,32
4 Materiais crus	3,43	2,84	-1,88
5 Carne, gado, desossada (carne e vitela)	2,09	2,65	2,40
6 Milho	2,51	2,60	0,37
7 Vinho	2,60	2,41	-0,75
8 Óleo de palma	2,60	2,24	-1,50
9 Bebidas alcoólicas destiladas	2,13	2,13	-0,01
10 Massa para a torta	1,79	2,03	1,28
313 Outros	66,27	61,38	-0,76
Σ 323 itens em declínio	94,97	90,40	-0,49

Fonte: FAOSTAT database (2022).

<sup>1</sup> Produto em declínio apresenta taxa de crescimento inferior que a encontrada no comércio mundial total (2,49% a.a.) no período 2008-10 e 2018-20

A pauta de exportações de produtos agrícolas argentinos, assim como foi exposto por Fernández e Curado (2019a; 2019b), continua concentrada em uma quantidade pequena de produtos, verificando-se, inclusive, um aumento na dependência de poucos produtos. Como pode ser observado na Tabela 4, juntos, os itens: bolo de soja, milho e óleo de soja representaram 50,46% do valor total dos produtos agrícolas exportados pelo país entre 2018-2020. Comparativamente, o desempenho do Brasil apresenta ganhos de eficiência notáveis.

**Tabela 4 – Importações Agrícolas Mundiais e Market-share da Argentina, Média 2018-2020**

Item	M Mundiais			X Argentina			Market-share (%)
	USD Mil	Part. (%)		USD Mil	Part. (%)		
		Simple	Acum.		Simple	Acum.	
1 Bolo de soja	27.206	1,79	1,79	8.323	24,70	24,70	30,59
2 Milho	39.488	2,60	4,39	5.410	16,05	40,75	13,70
3 Óleo de soja	9.725	0,64	5,03	3.272	9,71	50,46	33,65
4 Carne de gado desossada	40.303	2,65	7,68	2.504	7,43	57,90	6,21
5 Soja	64.254	4,23	11,91	2.326	6,90	64,80	3,62
427 outros	1.338.615	88,09	100	11.862	35,20	100	0,89
Σ 432 Total (média) Agrícola	1.519.592	100		33.697	100		2,22
Total (média) Geral	18.975.403			60.540			0,32

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

Esta concentração em poucos itens também foi percebida no caso do Brasil, assim como observaram: Carvalho (2002) entre 1988-1990 e 1997-1999, Santos *et al.* (2016) entre 1999-2001 e 2009-2011, Christ *et al.* (2021) entre 2005-2007 e 2015-2017 e Christ, Galafassi, Bernal (2021) entre 2007-2009 e 2017-2019. Isto é, verifica-se que o país tem uma pauta de exportações dependente de poucos produtos. Na média dos triênios 2018-2020, pouco mais de 50% do valor exportado dos itens agrícolas foram oriundos de apenas 3 produtos: soja; carne, gado, desossada (carne e vitela); e bolo de soja (Tabela 5).

**Tabela 5** – Importações Agrícolas Mundiais e Market-share do Brasil, Média 2018-2020

Item	M Mundiais			X Brasil			Market-share (%)
	USD	Part. (%)		USD	Part. (%)		
	Mil	Simple	Acum.	Mil	Simple	Acum.	
1 Soja	64.254	4,23	4,23	29.277	35,19	35,19	45,56
2 Carne de gado desossada	40.303	2,65	6,88	6.457	7,76	42,95	16,02
3 Bolo de soja	27.206	1,79	8,67	6.154	7,40	50,35	22,62
4 Carne de frango	21.558	1,42	10,09	5.924	7,12	57,47	27,48
5 Açúcar cru centrífugo	13.353	0,88	10,97	5.752	6,91	64,38	43,07
427 Outros	1.352.917	89,03	100	29.629	35,62	100	2,19
$\Sigma$ 432 Total (média) Agrícola	1.519.592	100,00		83.193	100,00		5,47
Total (média) Geral	18.975.403			225.050			1,19

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

Um item que chama a atenção nas pautas exportadoras dos dois países é o bolo de soja. Ainda que o produto tenha sido classificado como em declínio (já que teve um decréscimo nas importações mundiais de 2,04% entre 2008-2010 e 2018-2020) o item foi o mais exportado no período (2018-2020) pela Argentina e segundo principal item da pauta exportadora brasileira. Argentina e Brasil foram a origem de 53,21% do item consumido no mundo (importações mundiais).

Feito esse destaque inicial sobre as exportações agrícolas, segue-se então para a análise do desempenho do agronegócio argentino e brasileiro no que diz respeito à classificação dos produtos agrícolas de acordo com a metodologia sugerida por Fajnzylber (1991). As Tabelas 6, 7, 8 e 9 apresentam estas informações.

#### 4.2 Classificação dos itens segundo a metodologia de Fajnzylber

A Tabela 6 apresenta os produtos que foram classificados como situação de vulnerabilidade, isto é, o país aumentou seu *Market-share* nas exportações, mas as importações do item não cresceram no período. Esse grupo conta com 105 produtos brasileiros (14,63% do total exportado pelo Brasil estão nesta situação) e 67 itens argentinos (10,95% do total da pauta exportadora do país estão nesta situação). O principal produto dessa classe no caso do Brasil é a polpa de frutas, que apesar de ter somente 0,11% de *Market-share* das exportações brasileiras, 59,77% do total das importações mundiais deste produto teve origem no Brasil. No caso da Argentina, o item com mais representatividade na pauta exportadora do país foi o trigo, com 6,67% de *Market-share*, o item representou 4,90% do total importado no mundo.

**Tabela 6 – Exportações Agrícolas: Produtos em Situação de Vulnerabilidade<sup>1</sup>**

Item	Argentina			Item	Brasil		
	<i>Market Share (X) do país nas (M) do mundo (%)</i>		Part. do item nas (X) do país (%)		<i>Market Share (X) do país nas (M) do mundo (%)</i>		Part. do item nas (X) do país (%)
	2008-10	2018-20	2018-20		2008-10	2018-20	2018-20
1 Trigo	3,59	4,90	6,67	Polpa de frutas	35,84	59,77	0,11
2 Cevada	2,83	7,20	1,56	Cera vegetal	50,43	51,31	0,12
3 Feijão seco	8,25	9,77	1,02	Bolo de soja	18,41	22,62	7,40
4 Malte	5,04	5,70	0,66	Fiapos de algodão	6,15	16,36	2,99
5 Fiapos de algodão	0,26	0,88	0,40	Linter de algodão	5,15	14,20	0,01
62 Outros	0,08	0,15	0,63	100 Outros	0,97	1,30	4,02
Σ 67 Total	1,15	1,68	10,95	105 Total	2,96	4,07	14,63

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

<sup>1</sup>Alta eficiência (↑) do país com posição (↓) desfavorável do produto no período 2008-10 e 2018-20.

Sobre os produtos classificados como situação de retrocesso (Tabela 7), isto é, item que perdeu tanto a eficiência (as exportações decresceram no período) quanto a posição (decreveu as importações no período), esses totalizam 74 produtos no caso do Brasil, representando 27,39% das exportações agrícolas do país. Cumpre dizer, o produto mais importante do grupo, o açúcar cru centrífugo, que ocupa 6,91% das exportações do agronegócio brasileiro, apresentou decréscimo na participação nas importações mundiais (de 49,18% para 43,07%). No caso da Argentina foram 112 itens classificados nesta situação, 44,38% da pauta exportadora do país. O item mais importante, Bolo de soja, concentrou 24,70% das exportações argentinas, em 2018-20, 30,59% do item importado pelo mundo teve origem na Argentina.

**Tabela 7 – Exportações Agrícolas: Produtos em Situação de Retrocesso<sup>1</sup>**

Item	Argentina			Item	Brasil		
	<i>Market Share (X) do país nas (M) do mundo (%)</i>		Part. do item nas (X) do país (%)		<i>Market Share (X) do país nas (M) do mundo (%)</i>		Part. do item nas (X) do país (%)
	2008-10	2018-20	2018-20		2008-10	2018-20	2018-20
1 Bolo de soja	31,47	30,59	24,70	Açúcar cru centrífugo	49,18	43,07	6,91
2 Óleo de soja	38,71	33,65	9,71	Carne seca	62,07	31,87	0,32
3 Vinho	2,39	2,18	2,36	Carne de frango	31,48	27,48	7,12
4 Carne de frango	1,76	1,31	0,84	Carne bovina, preparações	34,64	26,05	0,69
5 Peras	13,42	9,66	0,78	Café verde	25,96	23,39	5,57
107 Outros	0,98	0,47	5,99	69 Outros	3,17	1,45	6,77
Σ 112 Total	3,82	2,84	44,38	74 Total	7,36	5,10	27,39

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

<sup>1</sup>Baixa eficiência (↓) do país com posição (↓) desfavorável do produto no período 2008-10 e 2018-20.

Se o produto exibiu crescimento tanto na participação nas importações mundiais, como no *Market-share* do País, ele foi classificado como produto em situação ótima. É o que ocorre com os produtos da Tabela 8. Dos 416 produtos considerados no trabalho, 178 foram classificados como produtos em situação ótima no caso do Brasil (52,71% da pauta exportadora brasileira) e 140 no caso da Argentina (25,68% da pauta exportadora argentina), ou seja, os produtos deste conjunto aumentaram sua participação nas importações mundiais ao mesmo tempo em que as importações mundiais de tais produtos também aumentaram.

**Tabela 8 – Exportações Agrícolas: Produtos em Situação de Ótima<sup>1</sup>**

Item	Argentina			Item	Brasil		
	<i>Market Share</i> (X) do país nas (M) do mundo (%)		Part. do item nas (X) do país (%)		<i>Market Share</i> (X) do país nas (M) do mundo (%)		Part. do item nas (X) do país (%)
	2008-10	2018-20	2018-20		2008-10	2018-20	2018-20
1 Milho	15,29	13,70	16,05	Farinha de mandioca	15,29	63,24	0,02
2 Carne de gado desossada	30,43	6,21	7,43	Soja	30,43	45,56	35,19
3 Amendoins, descascados	16,02	15,19	1,42	Carne de gado desossada	16,02	16,02	7,76
4 Grão de bico	9,80	5,32	0,23	Óleo amendoim	9,80	16,00	0,10
5 Resíduos de alimentos	6,06	0,45	0,16	Milho	6,06	14,56	6,91
135 Outros	0,05	0,14	0,38	173 Outros	9,85	11,66	0,22
Σ 140 Total	4,20	4,52	25,68	178 Total	8,74	11,92	52,71

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

<sup>1</sup>Alta eficiência (↑) do país com posição (↑) favorável do produto no período 2008-10 e 2018-20.

Na classificação de oportunidade perdida (Tabela 9), isto é, produto que perderam a eficiência (decréscimo das exportações), no entanto o consumo das importações cresceu (posicionamento favorável), 75 produtos agrícolas brasileiros, correspondendo a 5,27% das exportações agrícolas, receberam tal indicação, no caso da Argentina foram 113 itens representando 19% da pauta exportadora. Estes são produtos que, apesar de apresentarem crescimento no comércio mundial (importações), os países diminuíram seu *Market-share* nas exportações. No caso brasileiro, um produto que chama atenção é o suco de laranja concentrado, item que foi classificado como em expansão (com uma taxa de crescimento de 4,56%) nas importações mundiais, e o Brasil perdeu mercado nas exportações, visto que o produto representou 1,61% do total (US\$) exportado pelo país entre 2018-2020, e, no entanto, 52,17% do total do produto importado no mundo teve origem o Brasil.

**Tabela 9 – Exportações Agrícolas: Produtos em Oportunidade Perdida<sup>1</sup>**

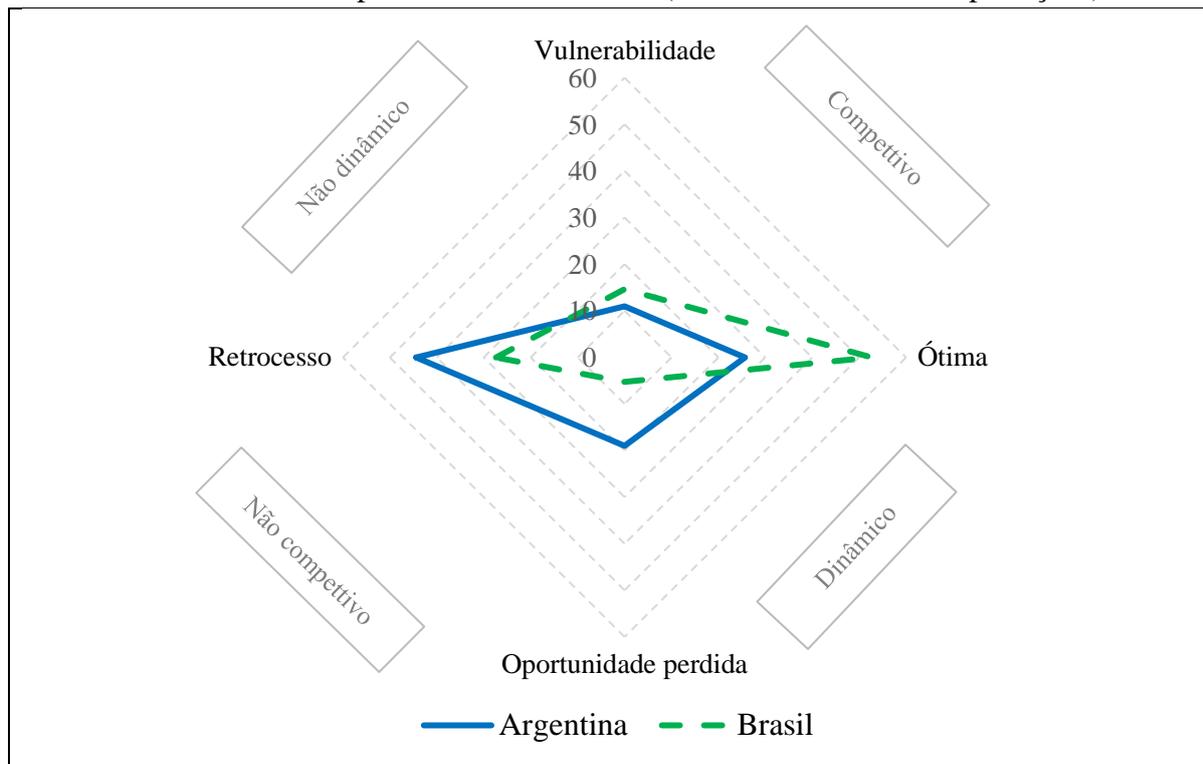
Item	Argentina			Item	Brasil		
	Market Share (X) do país nas (M) do mundo (%)		Part. do item nas (X) do país (%)		Market Share (X) do país nas (M) do mundo (%)		Part. do item nas (X) do país (%)
	2008-10	2018-20	2018-20		2008-10	2018-20	2018-20
1 Soja	9,07	3,62	6,90	Suco de laranja concentrado	78,99	52,17	1,61
2 Óleo de girassol	13,94	3,45	1,20	Mate	53,70	39,25	0,10
3 Leite inteiro seco	5,01	3,15	1,07	Mamão	14,53	13,26	0,06
4 Rações, produtos vegetais	38,57	33,16	0,83	Mangas, mangostões, goiabas	10,17	8,15	0,26
5 Amendoins preparados	35,97	20,13	0,79	Culturas de fibra	12,21	7,79	0,05
108 Outros	1,08	0,56	8,20	70 Outros	1,42	0,66	3,19
Σ 113 Total	2,51	1,10	19,00	75 Total	1,86	1,08	5,27

Fonte: FAOSTAT database (2022).

Nota: M são as Importações e X são as Exportações.

<sup>1</sup>Baixa eficiência (↓) do país com posição (↑) favorável do produto no período 2008-10 e 2018-20.

A classificação permite analisar a proximidade ou distanciamento que existe entre a estrutura de exportações dos países e a estrutura de importações do Mundo e detectar quais são os elementos que podem dificultar ou favorecer o padrão de exportações de cada país (FERNÁNDEZ; CURADO, 2019). Como pode ser visto no Gráfico 2, o Brasil, como país ganhador (pois sua participação no mercado do Mundo cresceu), tem uma porcentagem de exportações em situação ótima muito elevada (52,71%), e em situação de retrocesso (27,39%) e de oportunidades perdidas (5,27%) mais baixas. Para Argentina, país perdedor de mercado, a situação é inversa, os produtos em situação de retrocesso representaram a maior parte da pauta exportadora (44,38%), na sequência estão os produtos em situação ótima (25,68%), oportunidade perdida (19%) e vulnerabilidade (10,95%).

**Gráfico 2** – Matriz de competitividade 2008/2020 (Market-share % das exportações)

Fonte: elaboração própria com base em Fajnzylber (1991).

O grupo não dinâmico (itens em situação de vulnerabilidade e retrocesso) representou 55,33% da pauta exportadora da Argentina, enquanto no Brasil, este grupo correspondeu a 42,02% dos itens exportados pelo país. Produtos nesta situação são aqueles que se encontram em posição relativa desfavorável do produto, isto é, diminuição do item no *Market-share* das importações mundiais. Por outro lado, no grupo dinâmico estão os itens com posição relativa favorável dos produtos da pauta exportadora (itens em situação de oportunidade perdida e ótima), isto é, aumento da participação do *Market-share* do produto nas importações mundiais. Na Argentina este grupo representou 44,67% e no Brasil significou 57,98% dos itens.

Já o grupo com alta eficiência relativa dos países, isto é, quando ocorre o aumento da participação do item do país exportador em relação a importação mundial, representa o grupo dos itens competitivos. São os itens classificados em situação ótima e em vulnerabilidade, o Brasil concentrou 67,34% de sua pauta exportadora neste grupo, enquanto a Argentina teve 36,62% dos seus itens classificados neste grupo. Por outro lado, os itens classificados nas situações de oportunidade perdida e retrocesso, são os itens não competitivos, ou seja, quando ocorre a diminuição da participação do item do país exportador no *Market-share* das importações mundiais. A Argentina concentrou 63,38% neste grupo, enquanto o Brasil teve 32,66% de seus itens classificados como não competitivos.

Os desafios dos países analisados neste estudo (de melhorar a competitividade) são grandes e necessitam ser endereçados rapidamente, caso queiram expandir as exportações (PORTO; CANUTO; MOTA, 2017). Independente de qual estratégia for adotada, é fundamental pensar em diversificação, sendo que esta (a diversificação) é o objetivo e meta do desenvolvimento (CHRIST et al., 2021; PAIVA, 2006). Não obstante, a literatura indica que fatores como estradas, serviços logísticos, capacidade de armazenamento, tecnologia e técnicas para ganho de produtividade, informação ágil, segurança no câmbio, recursos internos fortes e redução no custo de produção (DAVIS; GOLDBERG, 1957; CARVALHO, 2001; ALFALLA-LUQUE; MEDINA LOPES, 2009; BROCANELLI; FERRAZ; FIGUEIREDO, 2017;

GARCÍA; MORENO; BARRERA, 2017; CHRIST; GALAFASSI; BERNAL, 2021) são fatores de produção imprescindíveis para resultados eficientes no desempenho do agronegócio.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da proximidade geográfica, os processos sociais, econômicos, institucionais e históricos de Argentina e Brasil são muito distintos. Não foi o objetivo deste estudo analisá-los sob uma ótica comparativa nestes processos. Mas sim analisar a inserção do agronegócio argentino e brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas, considerando seu posicionamento agregado, investigando sua pauta de exportação entre 2008-2010 e 2018-2020.

Levando em conta o último período de análise (2018-2020), 44,67% da pauta exportadora argentina foi classificada no grupo dinâmico (isto é, itens em situação ótima e em oportunidade perdida). E ainda 55,33% foi classificada como não dinâmico (itens em situação de vulnerabilidade e em retrocesso). No caso do Brasil, 57,98% foram classificados no grupo dinâmico e, portanto, 42,02% no grupo não dinâmico.

Já os itens do grupo competitivo (isto é, produtos classificados em situação ótima e em situação de vulnerabilidade), 36,62% dos itens argentinos estão neste grupo, ou seja, 63,38% foram classificados no grupo não competitivo (itens em situação de retrocesso e em situação de oportunidade perdida). Desempenho inverso no caso do Brasil, em que 67,34% dos itens foram classificados no grupo competitivo e 32,66% no grupo não competitivo.

O que salta os olhos nos resultados encontrados é a concentração excessiva em poucos produtos das pautas exportadoras de ambos os países. Tanto a Argentina (50,46%) quanto o Brasil (50,35%) concentraram somente em três produtos pouco mais da metade do total exportado pelo país (US\$) em 2018-2020. E ainda, considerando o último período de análise, entre os 432 itens da base disponibilizada pela FAOSTAT, o Brasil teve registro de exportação de 318 itens, o caso da Argentina é ainda mais crítico, o país registrou exportação de somente 201 produtos da base.

Como principal contribuição gerencial, este artigo demonstra a necessidade de agir em prol de uma maior diversificação da pauta agroexportadora é fundamental para ambos os países. Não só pensar em questões de especialização produtiva e dinamismo econômico, mas também um maior envolvimento no comércio internacional. No entanto, diversificar por diversificar não nos parece adequado, mas sim, definir prioridades setoriais a partir de setores selecionados.

É justamente a partir desta definição de qual setor deveria ser prioridade nas agendas dos Estados que se endereça a contribuição prática deste estudo, isto é, o diagnóstico da pauta exportadora dos países analisados deve considerar a metodologia proposta por Fajnzylber para a verificação da situação competitiva de determinado item. Em outras palavras, compete aos tomadores de decisões, planejadores e *policy makers*, pensar em estratégias para incrementar a posição dos produtos dinâmicos e competitivos, ou seja, itens com mais participação de mercado no *Market-share* das exportações do país combinado com a demanda destes itens na importação mundial.

Como limitações, enumeram-se o recorte temporal e a não abrangência de outros produtos agropecuários que possuem representatividade na balança comercial dos países em foco. Ademais, outros indicadores de performance podem ser adotados em próximos estudos. Para pesquisas futuras é sugerido uma análise qualitativa e em maior profundidade dos principais itens classificados em situação de oportunidades perdidas, para investigar as razões do item estar nesta situação. Novos estudos podem responder: os fatores para tal desempenho dos itens nesta situação estão relacionados às questões internas/endógenas (porteira adentro) ou externas/exógenas (porteira para fora) do país? Ou, ainda, como estão estruturadas as

cadeias produtivas destes itens? Estão relacionados a fatores de sustentabilidade ou outros aspectos que se apresentam como barreira de acesso a mercados consumidores específicos?

## REFERÊNCIAS

- APEX-BRASIL – AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES. **Revista de artigos simpósio em negócios internacionais**. Vol. 1 ed. Brasília: ApexBrasil, 2021.
- ALFALLA-LUQUE, R.; MEDINA-LOPEZ, C. Supply chain management: unheard of in the 1970s, core to today's company. **Business History**, v. 51 (2), p. 202-221, 2009.
- BATALHA, M. O.; **Gestão do Agronegócio** – textos selecionados. São Carlos: EdUFSCAR, 2005, 465 p.
- BRAUN, M. B. S.; FERRERA DE LIMA, J.; CARDOSO, R. D. Inserção mundial e competitividade da agricultura brasileira. **Informe GEPEC**, v. 11, n. 1, p. 33–50, 2007.
- BROCANELLI, G. R. R.; FERRAZ, V. A. C.; FIGUEIREDO, A. M. R. Análise dos fatores de crescimento das receitas de exportações brasileiras de suco de laranja: 1997-2015. **Revista Spacios**, v. 38 (47), p. 16-27, 2017.
- CARVALHO, D. E.; MENDONÇA, T. G. Inserção regional da economia brasileira no comércio mundial: verificação das evidências de reprimarização das exportações estaduais. **Teoria e Evidência Econômica**, <https://doi.org/10.5335/rtee.v25i53.8414>, v. 25 (53), p. 293-326, 2019.
- CARVALHO, M. A. Comércio agrícola e vulnerabilidade externa brasileira. **Agricultura em São Paulo (Cessou em 2006. Cont. ISSN 1981-4771 Revista de Economia Agrícola)**, v. 49, n. 2, p. 55–69, 2002.
- CARVALHO, M. A. Políticas Públicas e Competitividade da Agricultura. **Brazilian Journal of Political Economy**, 21 (1), Jan-Mar 2001. <https://doi.org/10.1590/0101-31572001-1225>
- CASTRO, N. R.; MOREIRA, G. C.; SILVA, A. F.; GILIO, L. Evolução das exportações de carne bovina na última década: uma análise ex-post de competitividade. **Revista de economia**, v. 12, n. 1, p. 179–204, 2016.
- CEPEA/ESALQ – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **PIB do Agronegócio Brasileiro**. Disponível em: <https://cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>, 2020.
- \_\_\_\_\_. **PIB do Agronegócio cresceu abaixo das projeções**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>, 2022.
- CHRIST, G. D.; GALAFASSI, L. B.; BERNAL, A. O. **O agronegócio brasileiro no comércio internacional: vulnerabilidade, retrocesso, oportunidade perdida ou situação ótima?** Anais do 59º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) & 6º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC). **Anais...**Brasília, DF: UnB, 2021Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/soberebpc2021/343286-o-agronegocio-brasileiro-no-comercio-internacional--vulnerabilidade-retrocesso-oportunidade-perdida-ou-situacao/>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- CHRIST, G. D.; STRAUCH, A. G. N.; SANTOS, L. P.; SHIKIDA, P. F. A. The competitiveness of Brazilian agribusiness in international trade. **Revista de Política Agrícola**, v. 30, n. 4, p. 122–139, 2021.
- COSTA, C. C. M.; FERREIRA, M. A. M.; BRAGA, M. J.; ABRANTES, L. A. Disparidades inter-regionais e características dos municípios de Minas Gerais. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí/RS, v. 10, n. 20, p. 52-88, maio/ago. 2012
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed.

Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAVIS, J.; GOLDBERG, R. **A concept of agribusiness**. Harvard University: 1957.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Produção dos Cafés do Brasil atinge 61,62 milhões de sacas de 60kg em 2020, volume 25% maior que 2019**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/56084554/producao-dos-cafes-do-brasil-atinge-6162-milhoes-de-sacas-de-60kg-em-2020-volume-25-maior-que-2019>.

FAJNZYLBER, F. Competitividad Internacional: evolución y lecciones. In: **Revista de la Cepal**, n. 36, dez, p. 7-24, 1988.

FAJNZYLBER, F. International insertion and institutional renewal. **CEPAL Review**, v. 44, p. 137–166, 1991.

FERNÁNDEZ, V. L.; CURADO, M. L. La matriz de competitividad argentina: evolución de la inserción internacional del país ante la controversia de los recursos naturales. **Revista de la CEPAL**, v. 2019, n. 127, p. 75–100, 2019a.

FERNÁNDEZ, V. L.; CURADO, M. L. Matriz de Competitividade e o papel dos mercados emergentes nas exportações argentinas e brasileiras. **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 123–151, 2019.

FLEXOR, G. A Globalização do Sistema Agroalimentar e seus Desafios para o Brasil. **Economia-Ensaio**, Uberlândia, 20(2) e 21(1), p. 63-95, jul./dez. 2006.

FAOSTAT – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Crops and livestock products data: 2020**. Disponível em: <<https://www.fao.org/faostat/en/#data/TCL>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do livro, 1974.

GALA, P.; RONCAGLIA, A. **Brasil, uma economia que não aprende: novas perspectivas para entender nosso fracasso**. 1. ed. São Paulo: Edição do Autor, 2020.

GARCÍA, A. N.; MORENO, M. R.; BARRERA, R. B. Compromisso, recursos, Emprendimiento exportador y resultados empresariales. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 57 (2), Mar-Abr, p. 135-147, 2017.

GOMES, L. De. C.; KLIEMAN NETO, F. J. Métodos Colaborativos na Gestão de Cadeias de Suprimentos: desafios de implementação. **Revista de Administração de Empresas- RAE | São Paulo**, v. 55 (5), set-out, p. 563-577, 2015.

KERR-OLIVEIRA, L.; FRIGGERI, F. P.; AGUILERA, A. Y.; SILVA, A. K. M. La integración regional sudamericana frente a la pandemia del COVID-19: un análisis geopolítico de los impactos en el Mercosur y en la región. **Revista Tempo do Mundo**, v. 26, p. 205–242, 2021.

LIMA, H. F. **História político-econômica e industrial do Brasil**. 347. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

MANDENG, O. Competitividad internacional y especialización. In: **Revista de la CEPAL, N° 45 (LC/G.4687-P)**. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 1991. v. 45p. 25–42.

MAERTENS, M.; SWINNEN, J. Agricultural trade and development: a value chain perspective. **WTO Working Paper**. ERSD-2015-04. World Trade Organization. Economic Research and Statistics Division, April 2015.

MIRANDA, S. H. G.; JANK, M. S.; SOENDERGAARD, N. Opportunities and challenges to strengthen bilateral agri-food trade: the Brazilian perspective. In: JANK, M. S.; GUO, P.; MIRANDA, S. H. G. (Eds.). **China-Brazil partnership on agriculture and food security**. Piracicaba: ESALQ/USP, 2020. p. 326–364.

OEC – OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **Profiles Countries**. Disponível em: <<https://oec.world/en/home-b>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

OLIVEIRA, I.; RIBEIRO, F. J. S. P.; TIRONI, L. F.; NONNENBERG, M.; CARNEIRO, F. L.; OLIVEIRA, G. A. S. International integration as a vector for the Brazilian economic

- recovery: proposals for stimulating exports. **Revista tempo no mundo**, v. 26, p. 103–143, 2021.
- PAIVA, C. Á. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. **Indicadores Econômicos**, v. 34, n. 1, p. 89–102, 2006.
- PAIVA, R. V. C. DE.; BARBOSA, F. V.; GONÇALVES, R. G. A Visão Baseada em Recursos: O que se Vê é Diferente, mas é Igual. **Reuna** - Belo Horizonte, v.13, nº3, p.27-39 – 2008.
- PORTO, P. C. S.; CANUTO, O.; MOTA, A. A. L. As possibilidades de inserção do Brasil nas cadeias globais de valor. **Informe GEPEC**, v. 21, n. 1, p. 10–27, 2017.
- SANTOS, L. P.; AVELAR, J. M. B.; SHIKIDA, P. F. A.; CARVALHO, M. A. Agronegócio brasileiro no comércio internacional. **Revista de Ciências Agrárias**, v. 39, n. 1, p. 54–69, 2016.
- SILVA, R. L. M. A primazia de Fernando Fajnzylber na elucidação de aportes exógenos ao milagre sul-coreano. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p.63-79, jul.-dez. 2014.
- SMITH, A. **A Riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- SONKA, S. T.; PATRICK, G. F. **Risk management and decision making in agricultura firms**. In: BARRY, Peter J. Risk management in agriculture. Ames, Iowa State University, 1984, pp. 95-115.
- THEIS, I. M.; FERRERA DE LIMA, J.; OLIVEIRA, N. M.; BARBOSA, J. L. A.; RANDOLPH, R. Regional development: construction of a knowledge field? **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 18, n. 1, p. 244–257, 2021.
- TORRECILLAS, C.; FERNÁNDEZ, S. Exportações e FDI exterior como impulsionadores de eco-inovações. Uma análise baseada em empresas de manufatura espanhola. **Revista de Produção mais limpa**, v. 349, p. 1-14, <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2022.131243>, 2022.
- TRIENEKENS, J. H.; WOGNUMAA, P. M.; BEULENSBJ, J. M.; VAN DER VORSTB, G. A. J. Transparency in complex dynamic food supply chains. **Advanced Engineering Informatics**, v. 26, p. 55-65, 2012.
- ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, F. N. (Org.) **Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, p. 1-21, 2000.
- ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (org). **Economia & Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2010.